



Baile de Carnaval

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

LISBOA 14 FEV 21H
CAPITÓLIO

opart
ORGANISMO
DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA, EPE

TNSC
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

São Carlos em *andamento*

JAN-ABR 2026

Capitório

14 de fevereiro de 2026, às 21h

Baile de Carnaval

JOHANN STRAUSS II (1825-1899)

Die Fledermaus: Abertura

Rosen aus dem Süden, Op. 388, Valse

Annen-Polka, Op. 117

JOHANN STRAUSS II E JOSEF STRAUSS (1827-1870)

Pizzicato Polka

JOHANN STRAUSS II

Perpetuum mobile, ein musikalischer Scherz, Op. 257

JOSEF STRAUSS

Jokey-Polka, Polka schnell, Op. 278

Plappermälchen mobil, Polka schnell, Op. 245

JOHANN STRAUSS II

Morgenblätter, Op. 279

Im Krapfenwaldl, Op. 336

Frühlingsstimmen, Walzer, Op. 410

Tritsch-Tratsch Polka, Op. 214

Vergnügungszug, Polka schnell, Op. 281

Leichtes Blut, Polka schnell, Op. 319

EDUARD STRAUSS (1835-1916)

Mit Vergnügen (With Pleasure-Galop), Polka schnell, Op. 228

Direção musical Jan Wierzba

Orquestra Sinfónica Portuguesa

(*Maestro titular* Antonio Pirolli)

Duração aproximada: 70 minutos

As obras dos Strauss são hoje indissociáveis dos concertos de Ano Novo vienenses, no dourado resplandecente da sala Musikverein. No imaginário partilhado, a valsa vienense poderá parecer algo de encantadoramente antiquado e bem-comportado. No entanto, se revisitarmos as suas origens, descobrimos uma prática musical com grande potencial para folias carnavalescas.

O Carnaval é, antes de mais, um momento de subversão, mesmo que de subversão contida. A valsa, nos seus inícios, era amplamente vista como subversiva, escandalosa até. Quando esta dança se começa a afirmar no final do século XVIII, tinha tudo para ultrajar moralistas: da proximidade física entre os bailarinos ao rodopiar vertiginoso que levantava as saias das mulheres, arriscando revelar demasiado. A valsa instala-se inicialmente em Viena, e comentadores da época proclamam que um vienense em cada quatro se embriagava a valsar noite após noite.

É Johann Strauss (pai) que, primeiro, contribui para enraizar esta dança no panorama musical vienense. Mas é a atividade dos três filhos, Johann II, Josef e Eduard, que lança uma dinastia musical duradoura, marcada por tensões familiares, um sentido apurado da melodia e um sentido não menos fino do negócio. Se o próprio Strauss (pai) enfrentara obstáculos para enveredar pela música, ironicamente acaba por colocar entraves na educação musical do filho Johann. Só quando o pai deixa a mulher para viver com a amante é que Johann II vê o seu caminho desimpedido para a atividade musical. O início desta atividade é dificultado por uma rivalidade acesa com o pai, que exerce a sua influência no meio vienense para impedir o filho de dirigir orquestras.

Contudo, dos dois, é Johann II que fica conhecido como «o rei da valsa». A sua música de dança e as operetas revelam uma capacidade excecional para conjugar melodias ágeis e

memoráveis, ritmos dançáveis e estruturas musicais complexas. Se as valsas de Johann (pai) eram mais regradas e regulares, as de Johann II têm uma maior carga emocional, expressa também em acelerandos e ralentandos – o que, naturalmente, tem implicações para a forma de dançar estas valsas. É Johann II que faz da valsa uma obra de concerto, dando-lhe proporções sinfónicas e a envergadura de poemas orquestrais.

De entre as suas obras, *Die Fledermaus* (1874) é, ainda hoje, uma das operetas mais representadas. A abertura (à semelhança do que acontece nas aberturas de compositores como Rossini) apresenta em sucessão o material temático que irá surgir ao longo da opereta. Os temas desfilam um após outro, com rápidas mudanças de tom e andamento que espelham as reviravoltas rocambolescas da opereta – cujo enredo se centra, aliás, num baile de máscaras. Operetas e valsas cruzam-se frequentemente na obra de Johann II, como acontece em *Rosen aus dem Süden* (1880), que também recupera temas de outra opereta. Nesta como noutras valsas ditas «de concerto», Strauss encadeia diversos temas, sucedendo-se numa mesma valsa diferentes cores orquestrais e estados emocionais, da calma pensativa à alegria eletrizante. O mesmo se verifica em *Morgenblätter* («Jornais da manhã», 1863). Para além da riqueza temática explorada por Strauss, esta valsa ilustra dois outros aspetos que marcam as suas obras: a inspiração no quotidiano vienense da época (quotidiano, claro está, de uma certa classe social) e as rivalidades (mais ou menos amigáveis e encenadas) com outros compositores – Offenbach, por exemplo, que também compusera uma valsa para o baile da associação de jornalistas Concordia.

Um motivo recorrente nas valsas de Johann é o da evocação da natureza. Encontramo-lo na valsa *Frühlingsstimmen* (1882), uma ode à primavera com a imitação de pássaros nos sopros. Reencontramos cenários pastorais em *Im Krap-*

fenwaldl (1869), também aí com um uso humorístico de cantos de pássaros. Estas temáticas quotidianas permeiam as polcas dos três irmãos Strauss, como é o caso de *Plappermaulchen* (1868, de Josef) e *Tritsch-Tratsch Polka* (1858, de Johann), que sugerem o borbulhar da tagarelice mundana.

Os três colaboraram de perto no que se tornou um verdadeiro negócio de família. Eduard, para além de compositor, destacou-se como maestro e estreou várias obras dos irmãos. Também Josef conciliou a composição com a direção, sobretudo a partir do momento em que, em 1853, substituiu o irmão Johann, convalescente, para dirigir a orquestra Strauss – ainda que, a princípio, tenha recusado esse papel. Teria possivelmente preferido seguir o seu percurso inicial como engenheiro, contando, entre as suas invenções, um varredor de rua automático.

Essa ligação aos avanços mecânicos e industriais da época não é de menosprezar, pois também inspirou a música dos Strauss. Exemplo disso é *Vergnügungszug* (1864), que evoca as locomotivas cada vez mais populares como meios de transporte e de entretenimento. A sensação de rapidez, energia e impulso que aí ouvimos surge também em *Pizzicato Polka* (1869, por Johann e Josef) e *Perpetuum mobile* (1861). Se a primeira, com mudanças bruscas e pausas repentinas, revela um claro sentido de humor e de brincadeira musical, o mesmo se aplica à segunda (que, aliás, tem o subtítulo de «uma piada musical»): a variação de um tema vai passando de mão em mão pelos diferentes instrumentistas e pode ser dirigida sem fim à vista, ou, pelo menos, até à alegre exaustão do maestro.

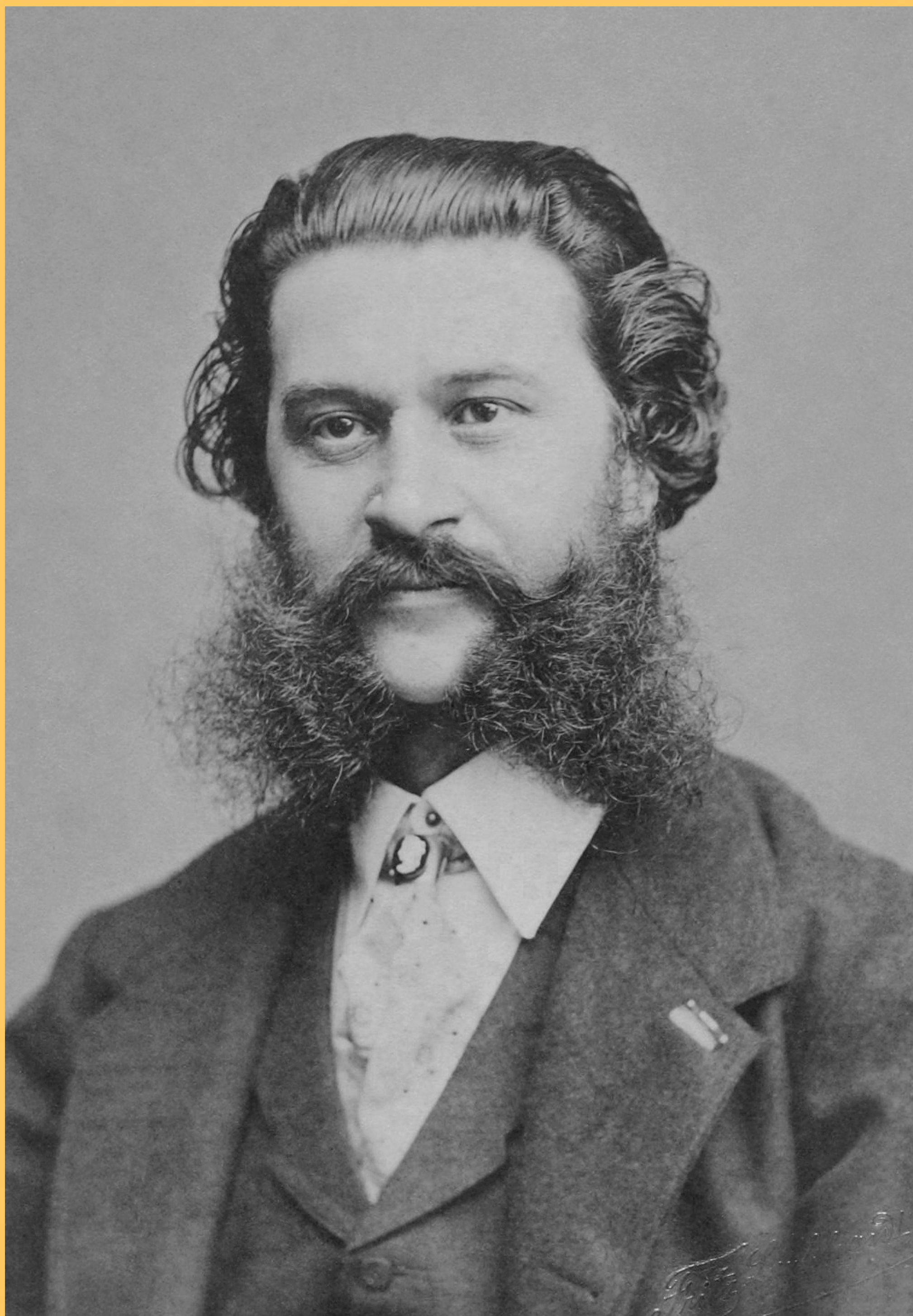
Estas polcas são exemplos perfeitos da ironia bem-disposta, da felicidade desenfreada e do ímpeto irresistível para a dança que definem a música dos Strauss. Na verdade, são também essas características que levam a que esta música seja apelidada de «música ligeira», apesar de todas as pro-

vas que faz de sofisticação temática, complexidade estrutural e proeza de orquestração. E, no entanto, poderemos perguntar se será assim tão ligeira a música que, até hoje, congrega tantos de nós em salas de concerto e nos transforma em bailarinos.

Júlia Durand
Musicóloga

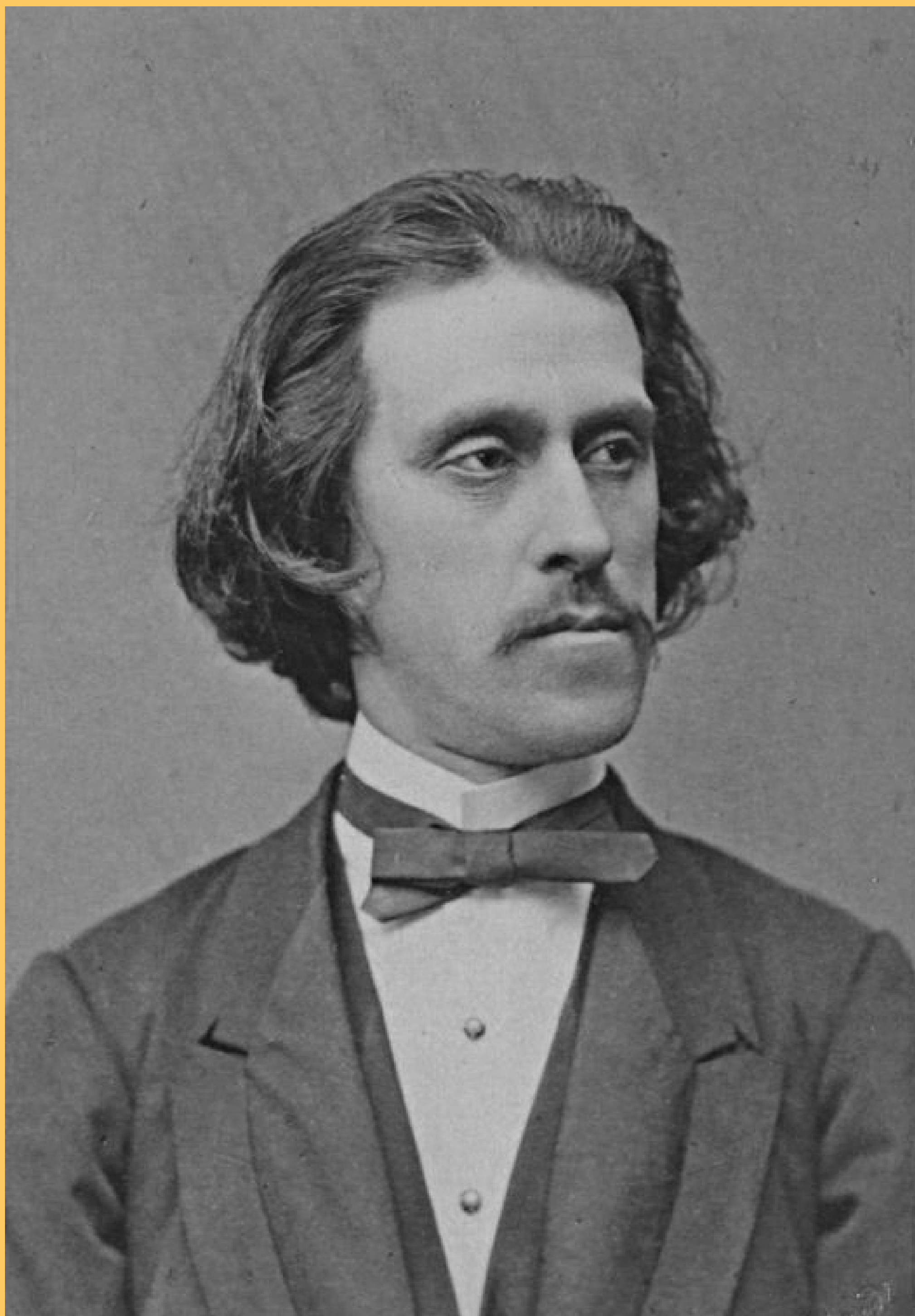
Johann Strauss II

(1825-1899)



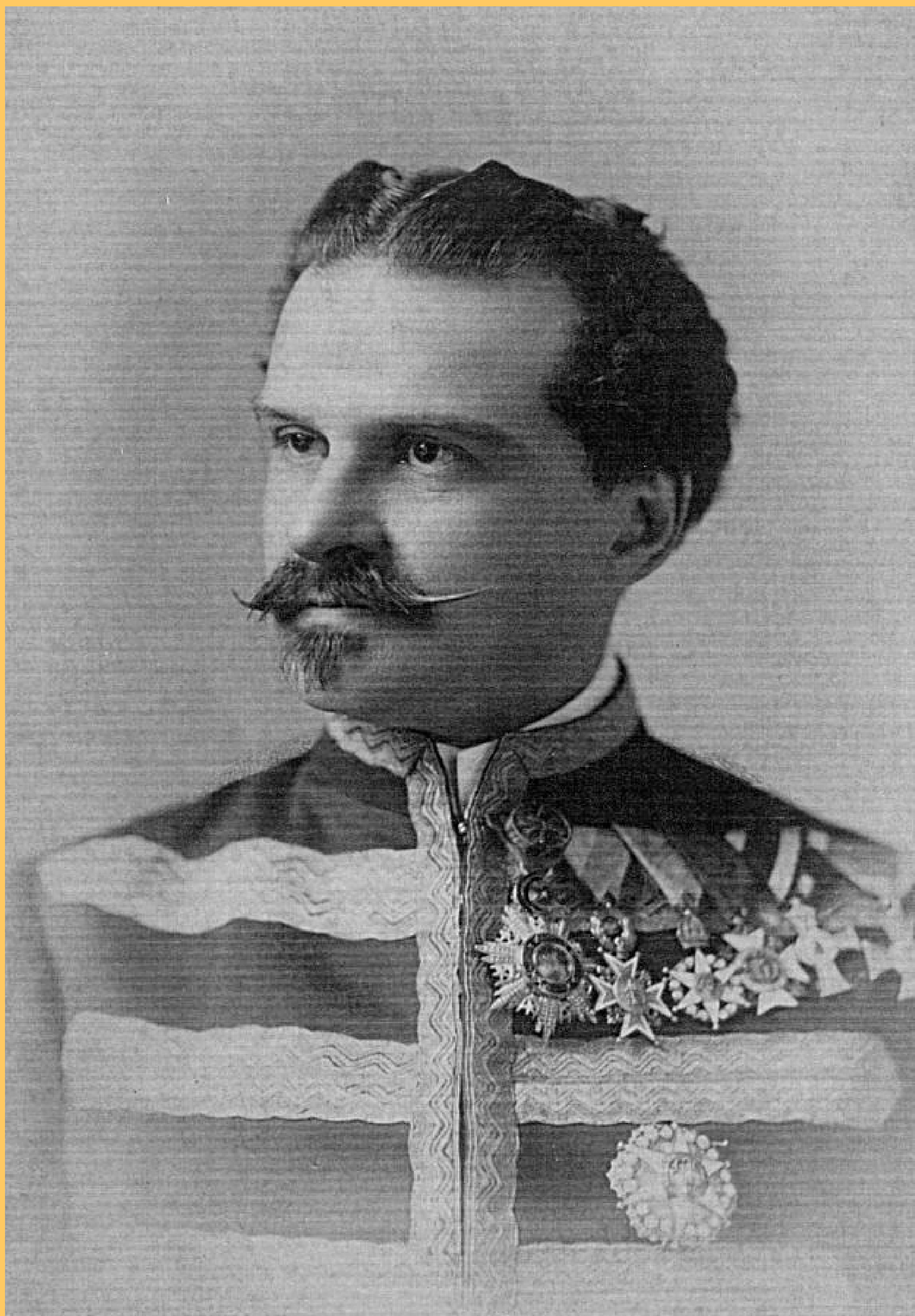
Josef Strauss

(1827-1870)



Eduard Strauss

(1835-1916)





© LINO SILVA

Jan Wierzba

Direção musical

Nascido na Polónia e criado no Porto, Jan Wierzba é reconhecido como um dos maestros mais versáteis da sua geração. Apresenta-se em ópera e em pedagógicos de vários formatos, e trabalha tanto em contexto coral como sinfónico. É diretor artístico e maestro titular da Orquestra Filarmonia das Beiras e professor na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo. Integra a Direção do Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa. Dirigiu a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Netherlands Philharmonic Orchestra, a Real Filharmonía de Galicia, a Orquestra de Câmara Portuguesa, a Filarmónica de Jalisco, a Orquestra do Algarve, a Orquestra do Norte, a Netherlands Chamber Orchestra e a Orquestra Clássica da Madeira, entre outros agrupamentos.



© BRUNO SIMÃO

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e a participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias* n.ºs 1, 3, 5 e 6 de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralhinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirolli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.





Direção Artística
Pedro Amaral

Conselho de Administração do OPART, E.P.E.
Conceição Amaral *Presidente*
Sofia Meneses *Vogal*

Bilheteira São Carlos na Boa Hora
Largo da Boa Hora, n.º 12
1200-289 Lisboa
+351 935 590 196
+351 213 253 045/6
reserva.bilhetes@saocarlos.pt

Bilheteira online (BOL)
Pode adquirir os seus bilhetes online em <https://tnsc.bol.pt>

www.saocarlos.pt

Parceiros da Viagem de janeiro a abril

